

Between Codes of Persistence – Concepts of Beautifulness in Art, in Pedagogy that Makes Sense and the Patron of Brazilian Education

Entre Códigos de Persistência – Conceitos de Boniteza na Arte, na Pedagogia que Faça Sentido e o Patrono da Educação Brasileira

Waldelice Souza

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

waldelicesouza@ccje.ufrj.br

Abstract. The concept of beauty in art, in general, is that of the aesthetic exposed in what is used to be called “beautiful letters” and “beautiful arts”. This makes it seem that the struggle in the arts is a calm sea and a serene night. No night is serene without moonlight and the moon demands movement, one that refers to the opposing forces in action. This movement is from another “sense” of art and it is this open and unfinished semantic field (universe) that interests us to compare its edges. Another slippery concept that is difficult to consider precisely is that of education. For each paradigm, as well as epistemology or culture, there should be an education perspective of its own. The education project in practice in complex societies - those in which a type of paradigm has established itself as the hegemonic one, based on violent practices -, the processes of mentality composition or the formation (reproduction) of labor can very well not make any sense to apprentices or students coming from classes considered to be subjected or in the process of being - by the logic of the dominators. The idea of submission has something of “expired” or “extinct”, but with an aggravating factor. It seems that it was by consent, without war, without fighting, almost by request. In this case, education and catechesis have the same origin, the same meaning: to impose ways of being and of how to think on those who are in the teaching benches as if they were sweet cookies, but with an overwhelming force that, against which, there seems to be no escape. It is the same litany known in university spaces as the old speech of the winners. On the opposite side of the coin, it is also known that no submission is complete or complete, that there is always the possibility of a game changer expressed in the codes of persistence and remanence of chants, prayers and gestures – and why not languages? These codes that disturb the owners of power, including the educational one, and make them (re)orient their morning speeches forever, wherever they come from. It is these codes that are also guided by those who defend a pedagogy that does not reproduce or shape, but enables transformation, designing another way of teaching that contains learning; and, like the moon and the sea,

they meet in any process of exchange. This is in a project in which making sense matters and the student's perspective is considered. The educator, the school and the project are challenged to see where the world is seen. Therefore, this project is one through which something is seen from the opposite side of the dominator, thus being able to make sense of the student's life, work, and existence because it includes a fundamental notion: the existence of those who learn. If those who “learn” are not considered in the educational process, the pedagogy in execution is not questioned because its nonsense is not called into question. And its nonsense is not seen because the student is not considered. His life and those of his are nullified. This is an act of violence produced every day in classrooms. Obviously, the struggle for an educational process, which is constituted by transformative pedagogical projects, is not the action of a single man. There are, however, men from time to time who manage to outline, express and/or structure these anxieties in specific acts, in structured projects and, therefore, structuring public policies. In this sense, Paulo Freire summarizes the steps of what we want to deal with here, having already considered these concepts. We will see, from his work, the concepts of Boniteza and Pedagogy that make sense for the persistence of literary structures beyond, far beyond beautiful letters.

***Keywords.** Education. Beauty codes. Persistent literature.*

Resumo. O conceito de boniteza na arte, de modo geral, é o do estético exposto no que se acostumou a designar por “belas letras” e “belas artes”. Isso faz parecer que a peleja nas artes é mar calmo e noite serena. Nenhuma noite é serena sem luar e a lua demanda movimento, aquele que faz referência às forças contrárias **em atuação**. Este movimento é de outro “senso” de arte e é esse campo (universo) semântico aberto e inacabado que nos interessa cotejar suas bordas. Outro conceito escorregadio e difícil de ser considerado precisamente é o de educação. Para cada paradigma, bem como epistemologia ou cultura, deveria haver uma perspectiva de educação própria. O projeto de educação em prática nas sociedades complexas – aquelas, nas quais um tipo de paradigma se firmou como o hegemônico, tendo como base práticas violentas –, os processos de composição de mentalidades ou de formação (reprodução) de mão de obra podem muito bem não fazer qualquer sentido para aprendizes ou estudantes vindos das classes tidas como submetidas ou no processo de serem – pela lógica dos dominadores. A ideia de submissão guarda algo de “vencidas” ou “extintas”, mas, com um agravante. Parece que foi por consentimento, sem guerra, sem luta, quase que por solicitação. Nesse caso, educação e catequese têm a mesma origem, o mesmo sentido: o de impor formas de como ser e de como pensar aos que estão nos bancos de ensino como se fossem biscoitos doces, mas com uma força avassaladora que, contra a qual, parece não haver escapatória. É a mesma ladainha conhecida nos espaços universitários como o velho discurso dos vencedores. Do lado oposto da moeda, sabe-se também que nenhuma submissão é completa ou inteira, que há sempre a possibilidade de virada de jogo expressa nos códigos de persistências e reminiscência de cantos, rezas e gestos – e por que não de línguas? Códigos estes que perturbam os donos do poder, inclusive do educacional, e fazem com que (re)orientem eternamente os seus discursos matinais, venham de onde venham. São esses códigos também pelos quais orientam-se aqueles que defendem uma pedagogia que não reproduza nem enforme, mas possibilita a transformação, desenhando outra de ensinar que, contém o aprender; e, como a lua e o mar, encontram-se em qualquer processo de trocas. Isso num projeto no qual fazer sentido importa e a perspectiva do educando é considerada. O educador, a escola e o projeto são desafiados a ver por onde se enxerga o

mundo. Por isso, este projeto é aquele pelo qual algo é visto pelo lado avesso ao do dominador, podendo, assim, fazer sentido à vida, ao trabalho, à existência do estudante porque inclui acervo nocional fundamental: a existência de quem aprende. Se quem “aprende” não é considerado no processo educacional, a pedagogia em execução não é questionada porque seu contrassenso não é posto em xeque. E seu contrassenso não é visto porque o estudante não é considerado. Sua vida e as dos seus são anuladas. Esse é um ato de violência produzido todos os dias nas salas de aulas. Obviamente, a luta por um processo educacional, o qual seja constituído por projetos pedagógicos transformadores, não é ação de um único homem. Há, contudo, homens de tempos em tempos que conseguem esboçar, expressar e/ou estruturar esses anseios em atos específicos, em projetos estruturados e, por conseguinte, estruturantes de políticas públicas. Nesse sentido, Paulo Freire resume os passos do que queremos tratar aqui por já ter considerado esses conceitos. Veremos, a partir de seu trabalho, os conceitos de Boniteza e de Pedagogia que fazem sentido para a persistência de estruturas literárias além, muito além das belas letras.

Palavras-chave. Educação. Códigos de boniteza. Literatura persistente.

Recebido: 09/05/2022

Aceito: 14/05/2022

Publicado: 15/05/2022

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.359

*Lo que brilha con luz própria
Nadie lo puede apagar
Su brillo puede alcanzar
La oscuridad de otras cosas.*

Canción por la unidad latino-americana.

Milton Nascimento

*Educar é também
arte, ciência, práxis.*

Moacir Gadotti

O mundo não é, ele está sendo.

Paulo Freire

Ao abrir

Com imenso prazer, me sento na cadeira diante de uma tela de computador para perscrutar os conceitos de boniteza e beleza em Paulo Freire. A janela da sala está próxima, então

posso, sempre, levantar-me e aceitar a sugestão de Roland Barthes que seja a de proceder à leitura, levantando a cabeça. Acho que é nesse ponto que esses conceitos relacionam-se com o movimento semiológico de que as leituras, sejam quais forem suas cercas morais, o mundo, o tempo presente são sempre os “bons referentes” para que os sentidos se façam. O que é inteiramente consistente com o legado da filosofia, música, dança, manutenção de línguas não hegemônicas e literaturas mantidas pelas comunidades denominadas afro-brasileiras. Isso porque, em relação a essa concepção de mundo, o significado não é uma qualidade e sim uma função. E, obviamente, o significado dessa palavra está mais vinculado a equações, relações, exercícios e ao desenrolar da vida do que com cargos ou só exercício profissional. Assim, a [função] em tela aqui guarda a compreensão arrolada pela antropóloga argentina, Juana Elbein dos Santos, que reposicionou esse pensamento, na década de 1980, com seu magnífico livro *Os nagô e a morte*, formato adquirido por sua tese. Isso exige que tracemos os fios entre uma e outra perspectiva na qual a lógica do sentido que se produz no processo de aprendizado seja retomada. Nesse sentido, o aprendiz é considerado como agente ou, pelo menos, como coagente. É comum a lógica da “adivinhação” na leitura dos búzios ou dos ideogramas de Ifá em suas transposições às narrativas e suas estruturas conotativas com disposições literárias no que chamamos aqui de “Entre Códigos de Persistência”. Vamos ver se damos conta desse grande desafio à luz de prestar o reconhecimento à abrangência dos conceitos de Paulo Freire. Muitos pesquisadores dos conhecimentos deixados a nós pelo professor pernambucano indicam que Paulo Freire afirmava que “não era esperançoso por teimosia, mas por imperativo histórico e existencial”. E isso importa quando consideramos o tempo em que vivemos.

Partiremos do ponto em que o conceito de [boniteza] na arte, de modo geral, é o do estético exposto no que se acostumou designar por “belas letras” e “belas artes”. Isso faz parecer que a peleja nas artes é mar calmo e noite serena. Nenhuma noite é serena sem luar e a lua demanda movimento, aquele que faz referência às forças contrárias **em atuação**. Nesse movimento, buscaremos deixar à vista que essas forças são de outro “senso” de arte e é esse campo (universo) semântico aberto e inacabado que nos interessa cotejar por este pequeno texto.

Ao entrar...

Podemos considerar que o termo boniteza parece vir da palavra bonito, composta por derivação sufixal. Guarda nessa nova formação a relação de sinonímia com o termo “beleza”; e, por fim, seu significado dicionarizado: aquilo que é agradável de ver, em que há beleza, boniteza. As palavras belo e bonito vêm do latim, como definido abaixo:

A palavra “bonito” chegou ao português no Século XVI. Descende do latim *bônus* (bom), provavelmente depois de uma tabelinha com o espanhol *bueno*, do qual tomou emprestado o diminutivo. Em resumo: bonito, na origem, equivaleria a “bonzinho”. E o termo “belo” vem do latim *bellus*, também diminutivo de *bonus*.¹

Palavras siamesas nas quais ética e estética se espreitam. No dicionário Houaiss, o termo [bonito] é configurado como adjetivo com sete chaves semânticas. Um **agradável** – admirável, afável, apazível, lindo; dois, **belo** – airoso, angelical, angelino, apessoado, apolíneo, apolínico, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-parecido, bem-proporcionado, catita, deslumbrador, deslumbrante, deslumbrativo, donairoso, especioso, formoso, galhardo, garboso, gracioso, guapo, lindo, preclaro, proporcionado, pulcro, puranga, venusto; três, **bondoso** – altruísta, benevolente, benigno, bom, caridoso, caritativo, clemente, compadecido, compassivo, filantropo, fraterno, generoso, humanitarista, human(itári)o, magnânimo, maternal, materno, misericordioso, nobre, paternal, paterno, piedoso, santo; quatro, **educado** – certo, civil, correto, cortes, delicado, elegante, polido; cinco, **esplêndido** – admirável, estupendo, extraordinário, impressionante, magnífico, maravilhoso, notável, perfeito; seis, **ensolarado** – claro, límpido, luminoso; e, sete, significativo – expressivo, importante, significante². E bonito pode ser ainda encantador. Há uma ambivalência importante no que percebe a si e ao outro em processo de encantamento, que atravessa o termo [bonito] com seus campos semânticos impactantes, como **arreatador**, com sua sinonímia admirável, deslumbrante, esplêndido, extraordinário, fabuloso, magnífico, maravilhoso, notável, prazeroso; e **atraente**, em

1 RODRIGUES, Sérgio. “Curiosidades etimológicas: bonito”. In: *Todo Prosa*, 2009. Disponível em: <https://todoprosa.com.br/curiosidades-etimologicas-bonito/>. Acesso em: 1º de dezembro de 2021.

2 HOUAISS, Antonio. *Sinônimo e antônimos*. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

sinonímia com agradável, amável, ameno, cativante, fascinante, sedutor, simpático. Esses significados são encontrados no mesmo dicionário. É um alargamento que pode ir por outros caminhos no interesse de demonstrar a massa móvel que pode ser a linguagem. Devíamos todos ser avisados disso no início do contato com a escola, mas, nem sempre, somos. Paulo Freire era, além de mestre e poeta da palavra, pelo que diz Lúcia Fabrini de Almeida (2021), “Como ele recorda, suas primeiras tentativas de professor de língua portuguesa, no curso ginásial, foi “estimular”, “desafiar” e “instigar” os alunos na busca do momento estético da linguagem”, “a boniteza da expressão”³. E isso nos interessa muito nesse pensamento, pois coloca linguagem e homem em relação de busca de uma expressão. No mútuo encantamento em que não é preciso aprender a linguagem, é preciso dizer a linguagem. Esse entusiasmo do homem por sua própria humanidade é o que, talvez, permita sentir-se distinto, dissemelhante, enfim, desigual em termos de organização do mundo e do pensamento, dos animais. Pelo reconhecimento de sua humanidade na condição de produtor de bens e de padrões, como consta em alguns escritos de Karl Marx, cito-o:

Os animais, evidentemente, também produzem. Constroem ninhos, casas, como no caso das abelhas, castores, formigas etc. Mas produzem apenas o que é estritamente necessário para eles e suas crias. Produzem apenas numa única direção, ao passo que o homem produz universalmente. Produzem apenas sob compulsão da necessidade física direta, ao passo que o homem produz quando está livre da necessidade física. [...] **Os animais só produzem a si mesmos, ao passo que o homem reproduz o conjunto da natureza.** Os produtos da produção animal pertencem diretamente a seus corpos físicos, ao passo que o homem é livre frente a seu produto. Os animais só constroem de acordo com os padrões e necessidades da espécie a que pertencem, ao passo que o homem sabe produzir de acordo com os padrões de todas as espécies e sabe aplicar o padrão adequado ao objeto. **Assim, o homem também constrói de acordo com as leis da beleza.**⁴ (grifos nossos)

Nessa perspectiva, produzir por uma diversidade de padrões parece ser a chave, o eureka, a realização do entendimento do que seja a característica específica do homem enquanto espécie. Sua singularidade é marcada, assim, pela capacidade de produzir socialmente por técnicas que são – em um dado momento –, historicamente reconhecidas, como científicas

3 ALMEIDA, Lúcia Fabrini de. “Boniteza: alfabetização poética”. In: *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

4 MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. Sobre el Colonialismo. 37 Cuadernos de Pasado y Presente. 2Ed. Ciudad del Mexico: ediciones pasado y presente, 1979.

por deixarem o homem ciente de como fazer. O interessante dessa concepção é que joga a definição do que seja [homem] para dentro da sociedade humana, para dentro do ambiente societário. E, no mesmo passo, na concepção epistemológica que vai surgir dessa análise em Paulo Freire, esse ambiente revela, exatamente, que a condição alienada do trabalho não é uma situação derivada da natureza, mas da imposição do interesse de uma classe com poder de afirmação de sua hegemonia em um determinado momento histórico. Ou seja, se houver outra força que contrarie a primeira, que a restrinja, a feiura dessa sociedade pode ser diminuída [“feiura” é um termo que Paulo Freire usa para relacionar e dimensionar dialeticamente o “boniteza”]. Se for possível conter a força que busca alienar por completo o trabalho (e o trabalhador) no sistema capitalista, a capacidade transformadora do homem pode estar voltada para o seu interesse verdadeiramente pessoal e coletivo. Esse é o anseio democrático dentro de uma sociedade excludente.

O que está posto no presente pela “sociedade de mercado” na qual vivemos ou pelo “Estado capitalista” que temos é que existe uma “verdade” dada, pronta, concedida por Deus e, às vezes, pelos médicos e pelos cientistas. Esta “verdade” nunca vem ou é dada diretamente ao homem comum. Em parte, porque esses mesmos “lugares sociais de poder”, sociedade e Estado não consideram as verdades, no plural, que “esse homem comum” – esse homem de atuação no mundo por gestos populares – possa proferir. E isso ocorre não por elas conterem algo de verdadeiro ou de falsidade simplesmente, mas por terem surgido dele. Não é a verdade que precisa ser negada, tanto que ela pode ser colhida por um departamento de publicidade e usada como bem a ser consumido, é o homem. A pluralidade das verdades vindas desses lugares não são provenientes de mau pensamento, antes de uma disposição ao plural inspirada em perspectiva, mesmo quando religiosas, plural, por eles não adotam só uma forma de encarar as coisas, os problemas, os poderes. Isso porque as religiões politeístas já se colocam num jogo de mais de uma verdade, as das diversas divindades, considerando que, às vezes, elas são conflituosas e uns guerreiam com os outros.

A sociedade contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E o que isso implica em uma atualidade na qual nenhum saber está completamente estável, fazendo com que vivamos em sua sociedade “aprendente”? É preciso colocar entre aspas o que se aprende pelo como se aprende. E pensar se a pessoa motiva-se a aprender por necessidade

de dar respostas às questões “reais” ou se aprende para posar de ilustrado recitador de salões extintos. Nessa tensão, é sempre bom colocar a hospedagem entre aspas. A ciência não é, dessa forma, um ato de conhecimento dado. Como afirma o estudioso de Paulo Freire.

A sociedade contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça-chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas atuais. Fala-se muito, hoje, em sociedade do conhecimento, às vezes, com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.⁵

Isso porque “conhecer” é ato de construir categorias de pensamento, é “ler o mundo e transformá-lo”, dizia Paulo Freire (1921/1997). Não é possível construir categorias de pensamento sem primeiro negar a existência dessas esferas, sem colocá-las em ponto zero, pois, ao contrário, não é possível pensar por meio de categorias dadas, inquestionáveis, como se elas existissem, *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que era sabido. O importante é aprender a pensar a realidade e não os pensamentos, ou seja, aprender a aprender. É o sujeito que aprende por meio da sua experiência. É nesses termos que reforço que a ciência, como a cultura e a arte, faz parte de ocorrências transversais do processo de ensino, da pesquisa e da extensão para deixar à vista só o tripé das universidades. E para fazer dessa lenga-lenga assunto para reflexão crítica, claro! A ciência, a cultura e arte podem acontecer em resultado às experimentações do estudioso envolvido, de como ele se considerou, considerou os outros, o mundo, o tempo e o objeto que observa. Para mim, é nesse aspecto que boniteza cobre, ao mesmo tempo, a noção de educação, produção de pensamento e de arte na concepção de Paulo Freire. A boniteza é a capacidade de um ser do mundo, se ver e conseguir se dimensionar como alguém que tem o que dizer e o que ensinar em relação ao “como viveu” e/ou “como vive”. E, obviamente, é uma noção que é consistente em relação a outras como “de presença” e “de

5 - GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Coleção: Educação cidadã. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

alegria” de nosso povo. Por isso, vou tentar dimensioná-la (a noção), articulando-a com algo que é do mundo literário afro-brasileiro para constatar a força e abrangência dessa visão. Espero que, ao fim, vocês considerem que fiz bonito.

Se concordarmos que vivemos em uma sociedade aprendiz, não quer dizer que o lugar do professor autoritário está vago. Antes, existe uma dança de cadeiras em que se praticam canções cativantes para o lugar de animador de auditório. O projeto de educação em prática nas sociedades complexas – aquelas, nas quais um tipo de paradigma firmou-se como o hegemônico, tendo como base práticas violentas –, constitui-se por processos de composição de mentalidades ou de formação (reprodução) de mão de obra que podem não fazer qualquer sentido para aprendizes ou estudantes vindos das classes tidas como submetidas ou no processo de serem – pela lógica dos dominadores. A ideia de [submissão] imposta pelos processos educacionais guarda algo de “vencida” ou “extinta”, mas, com um agravante: parece que foi por consentimento, sem guerra, sem luta, quase que por solicitação. Nesse caso, educação e catequese têm a mesma origem, o mesmo sentido: o de impor formas de como ser e de como pensar aos que estão nos bancos de ensino como se fossem biscoitos doces, mas com uma força avassaladora que, contra a qual, parece não haver escapatória. É a mesma ladainha conhecida nos espaços universitários como o velho discurso dos vencedores. Do lado oposto da moeda, sabe-se também que nenhuma submissão é completa ou inteira, que há sempre a possibilidade de virada de jogo expressa nos códigos de persistências e remanescência de cantos, rezas e gestos – e por que não de línguas? Códigos estes que perturbam aos donos do poder, inclusive do educacional, e fazem com que (re)orientem eternamente os seus discursos matinais, venham de onde venham. São esses códigos que também pelos quais se orientam aqueles que defendem uma pedagogia que não reproduza nem enforme, mas possibilite a transformação, desenhando outra pedagogia que, como a lua e o mar, encontram-se em qualquer processo educacional por serem, por terem, por virem, enfim, de visões diferentes de como considerar o aprendiz. No projeto em que fazer sentido importa, a perspectiva do educando é considerada. Paulo Freire insistia na necessidade de reafirmar a estética como dimensão fundamental da tarefa de educar. O educador, a escola e o projeto são desafiados a ver por onde ele enxerga o mundo. Por isso, esse projeto é aquele pelo qual algo é visto pelo sentido avesso ao do dominador, podendo, assim, fazer sentido à vida, ao trabalho, à existência do estudante porque inclui esse acervo nocional

fundamental: a existência de quem aprende. Se quem “aprende” não é considerado no processo educacional, a pedagogia em execução não é questionada porque seu contrassenso não é posto em xeque. E seu contrassenso não é visto porque o estudante não é considerado. Sua vida e as dos seus são anuladas. Esse é um ato de violência produzido todos os dias nas salas de aulas.

Não há projetos educacionais salvacionistas, nem culturais, nem artísticos. É imperioso romper com a ideia salvacionista em educação. Creio que esse pode ser um passo fundamental para reposicionar o papel da educação na vida das pessoas. Uma educação que considere os conhecimentos dos que se percebem “ser”, sendo em comunidade, pode ser o que melhor dimensione o conceito de boniteza na troca de conhecimento. Os estudiosos dos processos educacionais já afirmavam que, durante muito tempo, a formação do professor era baseada em “conteúdos objetivos”. Hoje, o domínio dos **conteúdos** de um saber específico (científico e pedagógico) é considerado tão importante quanto às **atitudes** (conteúdos atitudinais ou procedimentais). Para esses mesmos pesquisadores, a educação do futuro deverá se aproximar mais dos “aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... Todos eles são necessários para alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos” (IMBERNÓN, 2000, p. 11). Isso implica **novos saberes**, inclusive com reconhecimento dos saberes tradicionais. E nisso está uma compressão de sentido que se aproxima, ao mesmo tempo, do uso do termo boniteza como do “sentido” na compressão semiológica com a qual visito os sistemas simbólicos instituídos como afro-brasileiros, mas que serão melhor entendidos ao circunscrevermo-lo, a partir de agora, como os originados no candomblé. Isso implica em posicionar o jogo de significados de boniteza em seu aspecto também de encantamento no contexto do estudo semiológico. Não é possível ser esperançoso se não for possível olhar para os fenômenos naturais e sociais com um olhar indagador... Daquele que está verdadeiramente interessado. E, no meu caso, me interessa muito, me engaja e, neste engajamento, aprendo a observar a composição de discursos por tramas simbólicas.

Então, é uma beleza ter um termo como “boniteza” que abre em leque de significados e até a perspectiva semântica de perscrutá-lo, incluindo um número infinito de outras perspectivas que redimensionam tudo o que pode caber em uma simples palavra. É uma possibilidade de colocar o signo na busca de entender não mais uma palavra, mas o que,

então, dá sentido às coisas, aos atos, aos processos? Coloca-se em análise como ele [signo] pode estabelecer modos de pensamento, buscando entender o que é o “sentido”. Não é o mesmo que significado por não ser estático e sim resultante de um processo dinâmico, ao fim do qual o sentido pode se fazer ou não. É como nos jogos de adivinhação com uma leitura de peças dispostas no espaço delimitado que inclui as histórias das pessoas e mundo. Por isso, os Jogos de Búzios e Ifá são bons instrumentos para entender o signo e o sentido de outra perspectiva diferente da hegemônica.

É como o próprio tema deste congresso e desta mesa, da relação posta entre conhecimento e boniteza por meio dessa palavra que deixa a ver uma prática pedagógica. O bonito em Paulo Freire, em sua dimensão de [boniteza]. Em seu pensamento, este termo ajusta-se como conceito amplo e profundo, pedagógico e filosófico. Ele estruturou o termo boniteza como metáfora de sublimação, na direção de engrandecer, de exaltar o bonito e o sério. Para Ana Maria Araújo Freire (2021), este termo torna-se metáfora do elegante, do louvável, no processo civilizatório, do poético, do fazer com responsabilidade, eficiência e amorosidade. Ainda para pesquisadores em Educação:

Assim, a palavra boniteza reúne nela mesma compreensão além do bonito, da beleza e da ética, carrega signos, significados, significações, contemplação, compaixão, desopressa-o, interesses legítimos, precisa-o (no sentido de carência) para plenificar-se no templo da grandeza humana, do sublime, do nirvana, do ato de qualificar o que, temporariamente, a história e a ciência permitem criar.⁶

E não é só isto. Expressa o desafio de uma pedagogia que veja, assim, o ensinante aprendiz. Enquanto aprende ao ensinar, o aprendiz mestre coloca em tensão, em questão, não só os processos como o tempo e o lugar em que esses processos se desenrolam.

Digo, para me conduzir para análise, que quero fazer com que o sentido seja um código denso a ser desvendado, decodificado, que, mesmo cedido em uma fase da comunicação aberta, exige trabalho de pensamento, de reflexão. Contudo, só é possível decodificar o que não está dado. Por isso, é ato mesmo dos grupos tidos como minoritários, que insistem em contrapor a sua anunciada extinção. Eles persistem em nossas sociedades, com seus

6 FREIRE. Ana Maria Araújo (org). “Apresentação”. In: *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

sistemas simbólicos, por meio de línguas não hegemônicas, danças, atos públicos, músicas e literaturas.

Para mim, o literário é o fazer que desarticula a informação rápida, densificando-a, olhando para o meio, criando dobras sobre os modos de dizer para ver suas possibilidades. Portanto, o que nela me encanta é seu papel importante em fundar tramas conotativas. Impactos verbais que deslocam uma manada de elefantes para o mundo acelerado, mesmo que por um instante. Esse “endensar” o signo é vê-lo por meio de seu sistema em funcionamento, é restabelecer espaço político no qual o conotativo confirma-se como território de guarda, manutenção e valorização de epistemologias e, por isso, de modos de ser. Ao observar o sistema de composição dos itán(s), narrativas em iorubá, dando alto-relevo aos oríkìs, lidamos com tática de persistência em que o aparente submetido é insubmisso.

Ao sentar e tocar...

Isso está na pedagogia de Freire, que reúne o bom e o belo na concepção do processo educacional ético-estético, como está na literalidade do povo, que o ajuda a dimensionar (ou redimensionar) a vida em signos para repensá-la e reanalisá-la para considerá-la a partir dessa nova configuração. Chamo a isso de persistência. É código de persistência porque é ato de recolocar, na vida em curso, signos e pensamentos que poderiam ter sido esquecidos se tivessem sido, de fato, submetidos pela violência simbólica imposta. Essa persistência não traz para a vida presente uma reminiscência ou uma ideia a ser lembrada, mas vem com os gestos das danças, com os sabores das comidas, com as histórias contadas por terem sido testemunhadas, o que configura mais uma rememoração remanescente em que o corpo é o elo entre quem lembra e o que é trazido ao presente. Essa literatura persiste como o que traz Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia*:

Nesse sentido, é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com força do testemunho. Pensar certo implica a existência de sujeitos que

pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos.⁷

A persistência exige que o sujeito tenha que “assumir-se”, termo que também é apontado por Freire, no livro *Pedagogia da autonomia*, como marca de boniteza quando afirma que “é interessante estender mais um pouco sobre a assunção. O verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que se assume”⁸. O código da persistência é, de forma breve, sistema simbólico alicerçado em instrumentos, códigos e narrativas, pelos quais, poetas e adivinhos assemelham-se. Isto é compreensivo se concordamos que todos os sistemas literários partem de um sistema de signos. A divergência aparece na consideração de ele ser universal e como a constituição de nossas fronteiras e “assentamentos”, inclusive os literários estão recortados por lutas entre lógicas de mundo. Muitas foram dizimadas, outras persistiram pela ação de homens que buscaram, em seus mais velhos cantos, falar de uma memória que se dá pela junção de atos aos signos, evocados por narrativas, nas quais o filho é herança deixada por parentes, aparentemente, só aparentemente, esquecidos. Há na poesia contemporânea nacional marcas dessa persistência. Os oríkìs, palavra iorubá que reúne, por justaposição, a palavra *orí* [cabeça] e *kí* [canto, louvação ou até reza] com a função de descrever as características de cada divindade do panteão ioruba. Mantém uma forma que traz para a nossa literatura a combinação rítmica e temática que expõe valores de toda uma cultura, em termos gerais, e de um sistema de signos, em termos particulares. Observar como os oríkìs persistiram permite observar todo o complexo literário ligado ao sistema simbólico, do tipo oracular, dos grupos ligados por pertencimento ou adesão às religiões de matriz africana. E nos interessa aqui caracterizar que o processo de persistência dessas literaturas configura-se à disposição de evidenciar a complexidade da equação da expressão “fazer sentido”. O complexo semiológico dessa cultura é disposto socialmente por leitura de objetos, designados como búzios ou grafos, definidos como odú, de jogos divinatórios consolidados como “Jogo de Búzios” ou Consulta a Ifá. O Jogo de búzios processa-se pela leitura da binaridade combinada entre aberto ou fechado dos dezesseis búzios dispostos na peneira. Essa combinação efetiva-se pela queda das peças na peneira em que

7 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

8 Idem.

se ajusta entre aberto e fechado. Fechado é quando a parte convexa do instrumento cai para cima e aberto é quando é exposta sua parte serrilhada com abertura longitudinal. Ao cair, de uma forma ou outra, cada peça combina-se com a outra e, ao fim, as dezesseis indicam uma narrativa. Em uma mesma esteira significativa, o grafo da consulta de Ifá é marca similar a um ideograma escrito verticalmente, composto por oito partes, denominado *odù*. Quero me ater um pouco mais nesse processo.

O *odù* é um código completamente cultural que representa o que há dentro do coco de dendê. Este é seu objeto: decodificar o que está no processo da semente que, genericamente, sabemos que é ser árvore, mas, para ser árvore, a semente precisa negar a condição de ser semente. E esse anúncio pode ser decifrado pelo *odù*. Este termo em iorubá, em certa medida, ajusta-se à ideia de signo corrente e é parte do que se busca com o evento de consulta ao oráculo. Cada pessoa, nessa cultura, tem identificado o seu signo. Isso porque conhecer o próprio signo, para a cultura nagô/iorubá, implica assumir relação com as narrativas em que esses códigos vão se desdobrar nas etapas subsequentes da leitura oracular. Esses atos, por sua vez, são compreendidos como uma rotina de rituais e condutas específicas.

Para o Mestre Itaoman, estudioso de Ifá, o termo *odù*, do iorubá, recebe, por sua importância, no Oráculo de Ifá, três significados. Em primeiro aspecto, a palavra designa um recipiente cilíndrico de madeira cujo conteúdo físico deveria ter relação e representar os 3 (três) componentes básicos da existência das pessoas, dos bichos, das plantas e até das coisas: a) *Ìwá* – que, segundo o Mestre Itaoman, significa Existência; b) *Aba* – que, para ele, significa Essência; e c) *Axé* – que significa Realização. O *axé* é a medida de ajuste entre o *iwá* e o *abá*. Ou seja, quanto mais forte o vínculo, maior a estabilidade do *odù*. No segundo aspecto, o termo designa o conjunto de (oito) **riscos gráficos com traços verticais consecutivos, inscritos da direita para esquerda e de cima para baixo**, estabelecido como resultante da manipulação dos caroços de dendês ou *ikins*; e, ao serem marcados no pó, aspergidos no *opón Ifá*, corresponderiam aos *Onã Ifá* – caminhos de Ifá. Em um terceiro aspecto, *odù* designa a narrativa que os ideogramas encontrados exporiam ao Babalaô.⁹

Importa, para conseguir esses riscos, em areia, todo tipo de tábua e, no Opon Ifá, as sementes são lançadas de uma mão para outra. Nesse movimento, é necessário confirmar a quantidade de sementes que restaram na mão esquerda do sacerdote. Se a quantidade

9 - Mestre Itaoman, in.: <https://revistataeonline.weebly.com/uacuteltimo-volume.html>

restante for equivalente a números pares, risca-se (I) no Opon Ifá, que deve estar coberto com pó branco (iyerosùn). Esse traço chama-se Ofú. Contudo, se restar um número equivalente aos números ímpares, riscam-se dois traços (II), seguindo a sequência da mão que vai da direita para a esquerda e de cima para baixo. Repete-se esse movimento oito vezes até que o odú esteja escrito. É esse ato que gera a inversão de lógica, pois, se compararmos as correspondências de paridade ou imparidade na percepção tida como ocidental, veremos que há uma dissensão. E essa inversão feita por ato e signo nos coloca entre epistemologias. Esses riscos desdobram-se, constituem o ideograma de oito partes e abrem perspectivas de significação, como indicado pela antropóloga Juana Elbein (1986):

Insistirei mais adiante na fragilidade do conceito abstrato e universal do símbolo. Os elementos só podem ser vistos e interpretados num contexto dinâmico, não com um significado constante intrínseco, mas essencialmente como fazendo parte de uma trama e de um processo. O significado de um elemento está em função de suas relações com outros elementos. O significado de um elemento é uma função e não uma qualidade.¹⁰

Isso permite entender que a adivinhação é uma leitura do passado no presente e que exige a ação, a observação do que se deu, dimensiona a ocorrência do que se vive e permite ao vivente atuar sobre o dado. E, por essas leituras, tais ocorrências tornam-se “conhecidas”. O conhecimento de como tal dilema foi resolvido no passado permite, por similaridade, ordenar o fato completamente novo da vida em curso, por comparação. E a reflexão desse fato pela narrativa dá opções significativas aos atos. E isso, de certa forma, é agir reposicionando o que se quer para o futuro, ou seja, conhecendo o que está por vir. Moarcir Gadotti lembra Paulo Freire quando diz o que ele dizia: “ensinar vem do latim *insignare*, que significa ‘marcar com um sinal’, atuar na construção do significado do que fazemos”. Também quando diz que “[...] o sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente, nem da imanência do objeto ou ainda de um simples jogo lógico-formal.” Diz ainda: “É uma construção do sujeito! Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo [...]”. E é isso que está em

10 SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986.

tensão nesse jogo no qual tanto o sacerdote quanto os consulentes são iniciados nos paradigmas da cultura que sustém os símbolos.

Se a narrativa herda parte do significante, compondo uma rede de intricado processo de encaixe, é responsável por abrir nova etapa para a significação. Adoto esse termo ascoltando o que sugere Tzvetan Todorov, em (TODOROV, 2006), quando observa que:

A personagem não é sempre, como pretende Henry James, o determinante da ação; e nem toda narrativa consiste em uma “descrição de caracteres”. Mas o que é então uma personagem? [...] A personagem é [**como Serazad considera**] urna história virtual que é a história de sua vida. Toda nova personagem significa uma nova intriga [**possibilidade, luta**]. Estamos no reino dos homens-narrativas. Esse fato afeta profundamente a estrutura narrativa. A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que unia nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda ‘é englobada na primeira; **esse processo se chama encaixe**.¹¹

Para a cultura aqui em diálogo, os homens mortos [extrema alteridade] compõe e participam da sociedade por meio de suas histórias. Eles deixam suas vidas em forma de narrativas para os homens, com vida em curso, no interesse de ajudá-los no entendimento da própria vida e do mundo. Dessa forma, a narrativa em *Ifá* processa-se por estrutura própria que conta com três tipos literários: Os provérbios *Owé*, os *oríkìs* (cantos/rezas) e os *itàn(s)* que são as narrativas propriamente ditas. E a interpretação do sacerdote e aceite de quem consulta ao oráculo, pois, se concordar com o que foi lido, ele precisa, em retribuição, aceitar com atos, o de oferenda e o de viver o que foi lido, promovendo o reengajamento.

Veremos aqui só os provérbios *Owé* que podem nos permitir considerar a fluência de Paulo Freire nas composições de frases de efeito.

Dançar...

Como código, o sentido pode ser visto por mascaramentos, pelas metáforas dos provérbios que provocam o pensamento. Assim, os provérbios são o anúncio da outra

11 - TODOROV, Tzvetan. Homens-Narrativas. in.: As estruturas Narrativas. [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006.

lógica que rege a narrativa de Ifá. Eles foram, muitas vezes, desconsiderados. Apesar disso, mantiveram seus circuitos conotativos nas sociedades contemporâneas, reposicionando não só modos de como “ser” como, também, os de como “pensar” e os de como compor metáforas. Os provérbios são a parte da narrativa mais próxima dos ideogramas desenhados pelo sacerdote e, por isso, são concisos. São como as sementes fechadas que precisam ser abertas para revelarem seus segredos. Obviamente, os provérbios não são fenômenos exclusivos da cultura afro-brasileira, afrodescendente ou africana. Antes, são uma forma de síntese das noções filosóficas de várias culturas no mundo, ainda corrente como forma de difusão de perspectivas nucleares de certas epistemologias. *Owé* é a palavra em iorubá que significa provérbio. Para Rogelio Agustín Martínez Furé (2015), artista e pesquisador cubano, os provérbios são uma sabedoria dos antepassados, deixados para o conhecimento de seus descendentes. Furé descreve os provérbios como:

*Los provérbios son pequeñas joyas de la sabiduría popular transmitidas de generación, tan antiguas como la experiencia humana. Bajo el lenguaje simbólico, o abriéndose paso directo, como un puñal, se ocultan profundas meditaciones, valores abstractos. La larga experiencia vivida por los antepasados, que la tradición trae al presente concentrada en una breve frase.*¹²

Para o cantor cubano, os provérbios são também:

*La poesía del proverbio radica no solo en sus imágenes concisas, sino en su permanencia, en ser el verbo del pasado que niega a morir. Ayudando a encontrar la palabra perdida — como dicen los yoruba — en las charlas cotidianas, las narraciones nocturnas, los estribillos de los cantos, el proverbio mantiene la presencia de aquellos que nunca han partido y que, según el poeta senegalés Birago Diop, no están muertos.*¹³

Cito alguns provérbios de Furé: *El hombre es el prójimo*, (Tsonga, Sudáfrica); *Los hombres son la reciprocidad*, (Ruanda, Burundi); *Si gustas de ti mismo, gustarán de ti*,

12 FURÉ. Rogelio Agustín Martínez. *El caballo de la palabra: provérbios e enigmas africanos*. La Habana: Instituto Cubano del Libro. Colección Lira: Editorial Arte y Literatura, 2015.

13 Idem.

(Ewé, região da Nigéria). É um conjunto pequeno e que não faz frente às grandes pesquisas dos estudiosos cubanos. Não o analisarei. Trago-o aqui para mostrar a presença desses provérbios como recurso literário na lógica corrente, a de autor pessoalizado e com publicação de livros.

Abaixo, alguns provérbios correntes nos cultos e consultas à Ifá, que apresentarei somente em português apesar de essas frases serem sempre pronunciada em iobubá, que é uma língua em que a mudança de pronúncia altera o significado da palavra.

Pouco a pouco, nós comemos a cabeça do preá – Esta frase, quando aparece no jogo, situa o complexo filosófico da rede literária. Com essa frase, o próprio jogo está em questão porque o ato de fazer tudo bem devagar é do sacerdote de Ifá, tanto que, no rito de sua iniciação, come-se uma cabeça de preá, um tipo de roedor. Esta cabeça tem muitos pequenos ossos e, se não tiver cautela extrema para desencaixar parte por parte, não se consegue chegar ao final da refeição, no caso do rito, e, por conseguinte, não se obtém o título; **Aqueles que vencerem o inimigo interno não têm nada a temer o inimigo externo** – Esta frase refere-se a problemas dentro de uma comunidade ou família e até país. Apresentam um complexo temático voltado para dificuldades de coalisão interna que enfraquece, por sua vez, a comunidade ou a família frente a outros conjuntos; **A raiz da árvore nunca lança uma sombra** – A raiz é base da árvore, segura todo o peso, parece que não fornece conforto, mas é o próprio conforto. Isso porque, sem as raízes, nenhuma árvore lançaria sombra. Tem o sentido de a copa poder ceder sombra. Contudo, o fato de ela ser invisível faz com seja desconsiderada. E os agradecimentos devidos a ela seguem para outra parte da planta; **Se não importa onde você está indo, qualquer estrada não importa** – Nessa cultura, a vida é entendida como uma missão. Para melhor executar esta missão, é preciso conhecer o caminho que é tido como o significado da vida, a rota. Se não há interesse no alto conhecimento e nem em projetos pessoais, não é necessário preocupar-se com estudo dos caminhos, não é necessário dedicar-se, indisciplinadamente, a um culto.

Para essa cultura, nenhum significado está dado. A leitura das peças arqueia-se em consonância com as ocorrências do mundo no momento da leitura. Por isso, costumam afirmar que existem 16 odús verticais que se relacionam com os 16 horizontais, mas a relação entre eles resulta em uma quantidade infinita de narrativas. Os provérbios abrem

a parte literária e conotativa da consulta, mas não se finda neles. Há os cantos e rezas, conhecidos como oríkìs e os itáns, que são as narrativas propriamente ditas. Depois das narrativas, os sentidos vão se consolidando com as interpretações do sacerdote. Como disse um artigo publicado em revista portuguesa:

Em outras palavras, a narrativa se estabelece como se o significado fosse confirmado em um momento especial, e catalogado, porque o oráculo é um instrumento colecionador de soluções. É nessa operação que a narrativa assume lugar do que seja o [significado] para o oráculo como forma da verdade mais intensa do mundo, mas só naquele momento. Só é verdade o que pode ser vivido. Só é verdade o que pode ser expresso por atos, por ritos. E, em que certas variáveis, nas quais as narrativas assumem esse lugar, elas configuram o que venho chamando de semiologia aberta ou significação em dialética complexa.¹⁴

Para tal, a narrativa enquanto significado apresenta outro tipo de concatenação para a relação entre significante e significado. Nessa concatenação, o consulente é convidado a reconhecer seu antepassado, participa aceitando viver (vivendo) essa narrativa de seu parente e deitando o ebó (a oferenda). É dessa – e nessa – ação que se constitui o “sentido”. E, dessa forma, certo tipo de evidência é produzida, já que descortina, ao mesmo tempo, a possibilidade de um caráter [tipo de ser no mundo] ajustar-se mais a um determinado destino [missão ou o que eles chamam de caminho] do que a outro. Destino que só será finalizado e cumprido efetivamente se a pessoa que consulta o oráculo puder viver a narrativa encontrada. Esse tipo de composição de sentido, por meio da construção de discurso conotativo-narrativo, tem aproximação com o projeto pedagógico que se dispõe a significar a educação observando a vida das pessoas concretas e reconhecendo suas subjetividades. Essa aproximação é estabelecida quando esses pesquisadores observam a necessidade de mudança na compreensão do que seja o “valor” de ser professor, ao considerarem que:

O maior desafio desta profissão está na mudança de mentalidade que precisa ocorrer tanto no profissional da educação quanto na sociedade e, principalmente, nos sistemas de ensino. A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela

14 - GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Coleção: Educação cidadã. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011, p. 36.

capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que pela sua capacidade de “passar conteúdos”.¹⁵

Nesse sentido, os conteúdos deixam de ter “valor”, a priori, e passam a ser considerados por sua “função” no processo educacional. “Valor” e “função” são conceitos muito importantes para a semiologia, mas não me dedicarei a eles a fim de não tornar a curva da especificidade mais importante do que a conversa. O que importa aqui é que, pela relação de muitas partes, em que a função pode mesmo se comparar mais à equação do que ao exercício de um cargo, as concepções de leituras dos signos nas estruturas de pensamento orientam-se na decodificação das mensagens estabelecidas pela aparência binária do Jogo de Búzios ou de Ifá.

Contudo, não é só em Ifá ou no candomblé, como sistema cultural, que existem provérbios. Eles existem em todas as culturas e são instrumentos potentes para consolidar e divulgar rapidamente sínteses de pensamento. Na cultura greco-latina, há dicionários com várias expressões desse tipo, tais como **fama, nenhum outro mal é mais veloz** – verso de Virgílio na Eneida que ficou famoso na antiguidade – e remete ao fato de que a visibilidade excessiva, às vezes, desvia o “idol” da pessoa que pretendia ser; **língua, aonde vais? Salvar e destruir a cidade?** – Este provérbio é citado pelos paremiógrafos bizantinos; a poderosa força da língua ainda hoje é proverbial; **um ruído gira em torno dos meus dois ouvidos** – Este trecho de Estácio trata do fato de que se alguém fala bem ou mal de outra pessoa, esta percebe um zumbido nos ouvidos¹⁶. Ficarei nesses.

Obviamente, a luta por um processo educacional, no qual são exigidos projetos pedagógicos transformadores, não é ação de um único homem. Há, contudo, homens de tempos em tempos que conseguem esboçar, expressar e/ou estruturar esses anseios em atos específicos, em projetos estruturados e, por conseguinte, estruturantes de políticas públicas. Nesse sentido, Paulo Freire resume os passos do que tratamos aqui. Vemos, a partir dos conceitos de Boniteza e de Autonomia, fortes relações com a persistência de estruturas literárias. Uma destas relações é exatamente a disposição de pílulas de pensamento em frases fortes que podem ser consideradas provérbios. Cito algumas:

15 - Idem

16 TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes; não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão; ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção; ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo; e a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Para Lisete Arelaro (2021), Paulo Freire foi um dos educadores que mais inventou palavras. Segundo a autora, quando o patrono da educação brasileira achava que a língua portuguesa não dava conta daquilo que queria expressar, ele criava um vocábulo ou dava sentido diferente aos existentes. Uma palavra que recolheu e encharcou de outros significados foi boniteza.

Com esse termo, criou um conceito novo, uma nova categoria de análise da transformação social ligada à ideia de humanização dos homens e das mulheres. Boniteza é um conceito que carrega reflexões importantes dentro do seu pensamento freireano e que no leva a outros entendimentos da obra de Freire, do próprio Freire e do mundo.¹⁷

A noção de boniteza, no conceito de Paulo Freire, está relacionada ao fazer do professor, à sua capacidade de manter-se esperançoso, atento ao outro e ao mundo, ligado ao que faz, enfim, motivado. Ou seja, a relação entre esse homem agente e a transformação em si e nos outros por meio de seus atos, de seu fazer, de seu trabalho, que, no caso do professor, é ensinar, mas, em outros casos, com outros “atos”, a questão do valor é a mesma. E vem como resposta a uma imposição de um individualismo que tem como fonte de reindexação propagadas de modos de ver, normalmente de classes, de países e de lugares muito diferentes dos de alguns profissionais, sejam, educadores, cientistas ou artistas. Esses modos de viver diferentes, de fato, mostram no qual se vive e são só impostos como modelos que deram certos. Isso exhibe um forte contraste entre o que se vende pelas propagandas de sucesso e o que se vive no dia a dia. Assim, diante das **dificuldades da prática docente**, do desencanto dos nossos alunos, muito(a)s

17 ARELARO, Lisete. “Esperança e resistência em Paulo Freire”. In: *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

professore(a)s são vítimas da “síndrome da desistência”. Esta é expressa na exaustão emocional provocada pelo aumento da quantidade de trabalhos e **pela despersonalização** provocada pela sua baixa valorização social e reduzida realização pessoal.

Há uma visão perversa que despersonaliza a importância da realização pessoal no trabalho realizado, reinventando uma alienação do trabalho e da dedicação de sua energia de vida. Nesses bolos de fios ligados em um nó difícil de ser desfeito, estão muitos, quase todos, incluindo a nós aqui, neste auditório virtual. O motivo é que a consciência, como a ciência, a cultura e a arte, não é sensação dada. Ela é construída e reposicionada com uma escolha de ordem política a cada dia. É por isso que dimensionar a questão do sentido no processo de educação é a linha de força potente desse pensador brasileiro. E não alcança só aos educadores, mas todos os pensadores, articuladores de cultura e, obviamente, os artistas. Insisto nisso porque parece, para alguns, que o fato de poder pintar um quadro na madrugada de sua casa, lhe confere a condição de autonomia sobre o seu fazer. Este fazer precisa de outros fazeres como, por exemplo, o de distribuição dos [objetos feitos] que estão ilhados em espaços, na maioria das vezes, vinculados a interesses que processam o estranhamento do homem da peça feita e o estranhamento de quem lê a peça. Este estranhamento não é nada diferente da velha alienação, mesmo que escamoteada. Eu falei do que pode se supor como artista, mas fiquem à vontade para olhar para esse quadro vendo um cientista em seu laboratório ou algum operador de comunicação em seu estúdio. Paulo Roberto Padilha (Em GADOTTI, 2011) diz:

A boniteza de ser professor está no fato de ser uma atividade desafiadora, cheia de cores, tempos e espaços diferentes. A vida do professor poderia ser dinâmica e bela se pudéssemos enchê-la de jardins, de sons, de imagens, de sentimentos... Se pudéssemos resgatar a beleza que temos em nós seres humanos. Resgatar na sala de aula e na escola a nossa humanidade.¹⁸

A educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar **centrada na vida**, ao contrário da educação neoliberal que está centrada na completividade sem solidariedade. Para ser emancipadora, a educação precisa considerar as pessoas, suas culturas, respeitar

18 - GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Coleção: Educação cidadã. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

o modo de vida, sua identidade. O ser humano é “incompleto e inacabado”, como diz Paulo Freire (1979, p. 27), e está em formação permanente.

Quando a questão do sentido entra no jogo: a pedagogia deveria começar por ensinar, sobretudo, a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire, sobre o mundo ser o próprio universo porque é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte desse sagrado ser vivo e em evolução permanente. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber, não o dado, a informação e sim o conhecimento que se faz por composição, pelo estabelecimento de relações entre coisas, com o fortalecimento das relações entre pessoas, ao se constituir estabelecendo um **sentido para a vida** e para a humanidade. “Sentido” que quer dizer “caminho não percorrido”, mas que se deseja percorrer. Portanto, significa projeto, sonho, utopia. “Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente; e a pedagogia deve servir de guia para realizar esse sonho” (GADOTI, 2011). Como poema, como narrativas e como leitura de mundo.

Nesse aspecto, o sentido é resultante do processo iniciado no ato de percepção em que se colhe um signo, deglute e ruma no sentido de esgarçá-lo a favor da compressão crítica por estar em confronto. E, nesse processo, o mundo de quem percebe é incluído, o ser de quem percebe é considerado. Esse resultante está mais para uma narrativa que inclui atos, mesmo que ele não se desaliena completamente, porque a alienação dele, como a nossa e a vossa, está associada ao não domínio dos bens e dos meios de produção. E domínio, nesse caso, é deter esses meios. Entender essa alienação é um processo de tomada de consciência que, ao incluir a raiva libertadora e a violência transformadora, aponta uma saída para a mudança da sociedade e do estado de coisas em que estamos imersos.

Fechar o jogo e ir...

Apesar de o mundo de hoje não ser muito favorável às mudanças sonhadas por educadores como Antonio Gramsci (1891 – 1937), que entendia o educador como um intelectual organizador da cultura; como Paulo Freire, que defendia o diálogo crítico como essência

da educação; e como Florestan Fernandes (1920 – 1995), que sustentava que a emancipação só poderia vir a partir da organização “dos de baixo”. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem-viver, educa para a paz. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é, ao mesmo tempo, ciência e arte. A arte é a “técnica da emoção” (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencarnar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar. É preciso outra relação entre os países e os homens que estão no mundo, fundamentada em outros princípios éticos que não os baseados na exploração econômica, na dominação política e na exclusão social.

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra o quê, contra quem? O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensamentos já pensados. Por querer falar com quem conversava, Freire não inventou só novas palavras ou tomou emprestadas outras para reforçar seus conceitos, mas esgarçou a linguagem para que nela coubessem sentenças que pudessem atuar com sínteses de seus pensamentos e assim chegar ao povo como estruturas conotativas que, se encharcadas de vida, poderiam colaborar e transformar a curiosidade ingênua. Acho, por isso, que códigos que atuam assim também promovem a relação do aprendiz-mestre com o mestre-aprendiz. Contudo, a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada. É isso. Espero que vocês tenham gostado. Gosto de pensar que o Paulo Freire exclamaria: “que boniteza!”

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Lúcia Fabrini de. “Boniteza: alfabetização poética”. In: *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

ARELARO, Lisete. “Esperança e resistência em Paulo Freire”. In: *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 1993.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FURÉ, Rogelio Agustín Martínez. *El caballo de la palabra: provérbios e enigmas africanos*. La Habana: Instituto Cubano del Libro. Colección Lira: Editorial Arte y Literatura, 2015.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Coleção: Educação cidadã. 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

HOUAISS, Antônio. *Sinônimos e antônimos*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Sobre el Colonialismo*. 37 Cuadernos de Pasado y Presente. 2Ed. Ciudad del Mexico: ediciones pasado y presente, 1979.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília, DF: Unesco, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986.

SOUZA, Waldelice. *Persistencia Literária das Narrativas de ifá no Oráculo do Risco da Semente*. Revista de Antropologia e etnologia. Número 61. Lisboa, 2021

<https://revistataeonline.weebly.com/uacuteltimo-volume.html>

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RODRIGUES, Sérgio. “Curiosidades etimológicas: bonito”. In: *Todo Prosa*, 2009. Disponível em: <https://todoprosa.com.br/curiosidades-etimologicas-bonito/>. Acesso em: 1º de dezembro de 2021.